

# De Cachuela Esperanza a Guajará-Mirim: Recursos, escalas e transformações

**Fernando Rabossi**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

O artigo apresenta algumas características dos circuitos de comercialização de drogas na cidade de Guajará-Mirim, Rondônia, a partir dos circuitos que atravessam o rio Mamoré e de alguns envolvidos em circuitos atacadistas. Com o objetivo de compreender a escala e a organização desses circuitos, torna-se necessária uma contextualização histórica de Guajará-Mirim, que se articula com histórias de mais longa duração sobre a exploração de outros recursos naturais da região. Histórias que abrem uma agenda de indagações relevantes para analisar a operação dos mercados ilegais através dos limites internacionais.

**Palavras-chave:** Guajará-Mirim, mercados de droga, fronteiras, borracha, longa duração

**From Cachuela Esperanza to Guajará-Mirim: Resources, Scales and Transformations** presents some traits of drug trafficking in the city of Guajará-Mirim (Rondônia) in relation to the circuits that cross the Mamoré River and the people involved in wholesale circuits. In order to understand the scale and organization of these circuits, a historical contextualization of Guajará-Mirim was carried out so that it could be articulated with longer-time histories about the exploration of other natural resources of the region. Such stories raise relevant questions to analyze the operation of illegal markets across international boundaries.

**Keywords:** Guajará-Mirim, drug markets, borders, rubber, longue durée

O presente artigo tem por objetivo apontar alguns elementos que colaborem com a compreensão da dinâmica dos mercados de drogas na cidade brasileira de Guajará-Mirim, no estado de Rondônia.<sup>1</sup> Separada da cidade boliviana de Guayaramerín pelo rio Mamoré, Guajará-Mirim é um importante nó de articulação com a Bolívia. Único ponto alfandegado da fronteira em Rondônia, além de ser um importante enclave comercial de importação e exportação de mercadorias, assim como de contrabando e descaminho,<sup>2</sup> o município é um local de interligação dos circuitos atacadistas de drogas rumo ao Brasil (cocaína e pasta base) e de veículos roubados no país. As formas de organização desses mercados apresentam diferentes graus de estruturação, envolvendo atores e redes que atuam em diversas escalas – internacional, regional e local.

É fundamental deixar claro que este é um trabalho preliminar, que procura articular uma série de elementos que surgem de uma primeira imersão de pesquisa na fronteira entre Brasil (em Rondônia) e Bolívia, como parte do projeto “Dinâmicas Transfronteiriças: Mercados ilegais e mercadorias políticas na fronteira brasileira”, coordenado por Michel Misse.<sup>3</sup>

Por sua vez, esta pesquisa deriva de projeto maior, denominado “Segurança Pública nas Fronteiras”, organizado pelo Ministério da Justiça, pelo Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência (Necvu) e pelo Grupo Retis, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre



2012 e 2014, do qual participei como parte da equipe do Necvu (NEVES et al., 2016).<sup>4</sup> Frente às pesquisas realizadas sobre o mercado de drogas no Brasil (BARBOSA, 1998; MISSE, 2003; HIRATA, 2014, 2018; MALVASI, 2012; GRILLO, 2013; BATISTA, 2015; HIRATA e GRILLO, 2017) e, inclusive, sobre o mercado de drogas na fronteira com a Bolívia (GEFFRAY, 2002; OLIVEIRA e COSTA, 2011; OLIVEIRA, 2013), o caráter preliminar das considerações a seguir fica evidente. Elas constituem um primeiro exercício descritivo e analítico que pretendemos desenvolver em trabalhos futuros.

Guajará-Mirim tem uma história densa e complexa, que não pode ser reduzida ao mercado de drogas. O fato de nos concentrarmos nele deriva de minha inserção nos projetos mencionados e procura sublinhar dois elementos que considero de suma importância na hora de analisar os mercados de drogas. Em primeiro lugar, diferentes posições demandam observar o fenômeno segundo a percepção de interlocutores distintos, que expressam inserções diferenciais nos circuitos da droga. Em segundo lugar, os processos históricos de média e longa duração são fundamentais para compreender a forma de operação desses mercados.

O texto está organizado em três partes. Na primeira, apresentarei alguns elementos históricos fundamentais para compreender Guajará-Mirim no desenvolvimento de Rondônia e as diferentes interligações que a conectaram com a Bolívia e o resto do país. Na segunda parte, explorarei algumas características dos mercados ilegais em Guajará-Mirim por meio de duas posições de observação privilegiadas descritas com base em interlocuções diferentes. Por um lado, as travessias pelo rio Mamoré são descritas pelos agentes de segurança encarregados de controlá-las e de alguns atores que participam delas. Por outro, as dinâmicas econômicas potenciadas pela circulação de drogas são descritas por atores conhecedores dos circuitos atacadistas. Na terceira parte, com base em algumas histórias particulares da região em que a cidade boliviana de Cachuela Esperanza ganha destaque, me interessa explorar alguns lineamentos gerais para pensar os mercados de recursos específicos da região, como o da coca, e a necessidade de inseri-los em uma história de longa duração que nos permita dar conta de continuidades, especificidades e inter-relações.

Antes de ingressar em cada uma dessas partes, contudo, é necessário dimensionar o limite fronteiriço entre Brasil e Bolívia. Com uma extensão de 3.338 quilômetros, quase 44% desse limite se localiza em Rondônia (1.464 km), sendo o restante localizado no Acre (606 km), em Mato Grosso (878 km) e em Mato Grosso do Sul (390 km). A totalidade do limite fronteiriço entre Rondônia e Bolívia é fluvial, estando localizado nos rios Abunã, Madeira, Mamoré e Guaporé. Para se ter uma noção da dimensão, o limite fronteiriço entre Brasil e Bolívia é um pouco maior que o limite entre EUA e México, com 3.201 quilômetros.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, a população residente de Guajará-Mirim somava 41.656 pessoas,<sup>5</sup> das quais 35.207 viviam na área urbana e 6.449 na rural (IBGE, 2011).<sup>6</sup> A população indígena do município era de 3.998 pessoas, a maioria das quais vivia na área rural

(3.770).<sup>7</sup> É de se destacar o crescimento da população indígena nos últimos censos. Depois de quase dizimada, ela praticamente quadruplicou desde 1990, o que mostra a importância da existência de terras indígenas como garantia de condições que permitam a vida e a cultura desses grupos.

### **Notas históricas para compreender Guajará-Mirim**

A importância que Guajará-Mirim teve no Ciclo da Borracha, no início do século XX, ao articular territórios de extração com circuitos de escoamento e distribuição pelo território amazônico, abriu caminho para a inserção, agora em um universo articulado também a partir de conexões rodoviárias e aéreas, de novas mercadorias regionais, como a pasta base e a cocaína, em concorrência e complementariedade com outros vários produtos: madeira, minério e diversos produtos contrabandeados.

A história da ocupação de Rondônia realizou-se a partir de duas questões-chave para a compreensão da dinâmica contemporânea de Guajará-Mirim: o aproveitamento de recursos naturais específicos da região (no final do século XIX e início do século XX, a borracha) e a construção de infraestrutura para sua exploração e escoamento. A capital do estado, Porto Velho, e Guajará-Mirim desenvolveram-se como as cabeceiras da ferrovia Madeira-Mamoré, construída entre 1907 e 1912 (HARDMAN, 2005). A construção da BR-364 – anunciada em 1960, construída ao longo das duas décadas seguintes e inaugurada, com asfalto, em 1984 – foi um vetor fundamental de abertura e ocupação do território (FIORI, 2012). Nos seus mais de 3 mil quilômetros, a estrada liga os estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Acre.<sup>8</sup> Ao longo de seu traçado, desenvolveram-se diversas colônias e núcleos que hoje constituem a estrutura urbana de Rondônia.

Desde a segunda metade do século XX, com a sucessão de corridas e “febres” (GUEDES, 2013) – da cassiterita, do ouro, da madeira, de esmeraldas e algumas outras – e com o processo de ocupação e colonização que caracterizou o estado de Rondônia, Guajará-Mirim passou de núcleo mais dinâmico do estado, no início do século XX, a um município que, segundo vários interlocutores, “parou”. Tal como um deles colocou, a pergunta é: por que Guajará não vai para frente?

Até a década de 1940, Porto Velho e Guajará-Mirim são comparáveis em termos demográficos. Nos anos 1950, os caminhos começam a divergir. Ainda assim, Guajará-Mirim se manterá até a década de 1970 como um centro dinâmico dentro do estado, graças à inauguração da BR-425, que liga Guajará-Mirim e Abunã, distrito de Porto Velho, entroncando-se com a BR-364 e aos voos regulares unindo Guajará-Mirim e Cuiabá, em Mato Grosso, e Cruzeiro do Sul, no Acre (HARRISON, 2009, p. 62). Em 1972, a ferrovia interrompe seu serviço, mas, com a nova rodovia, a conexão com Porto Velho é mantida.

A abertura de terras para colonos chegaria por meio do Projeto Integrado de Colonização Sidney Girão, implantado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em 1971, seguido por outros projetos. Ao longo do tempo, esses projetos de colonização se desvincularam de Guajará-Mirim, tornando-se municípios autônomos (MARTINE, 1990; CUNHA e MOSER, 2010).

Na década de 1990, os voos comerciais a Guajará-Mirim são cancelados. Visando construir uma alternativa econômica para o município, foi criada a Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim (BRASIL, 1991), que se constitui desde então em um local importante de comércio internacional com a Bolívia. A construção das usinas de Santo Antônio (2008-2016) e Jirau (2009-2013), no rio Madeira, aprofundou a diferença entre Guajará-Mirim e os municípios que receberam o influxo de trabalhadores e de infraestrutura para as obras de tal envergadura.

A trajetória histórica de Guajará-Mirim é fundamental para compreender sua inserção na dinâmica da Rondônia contemporânea, e para entender a forma e o funcionamento dos seus mercados ilegais. Em primeiro lugar, o município, juntamente com Porto Velho, era polo de ocupação e desenvolvimento no início do século XX. Os dois compunham o Território Federal de Guaporé quando de sua criação, em 1943. Mas, com a ocupação e a colonização nas décadas de 1970 e 1980, os novos núcleos de povoamento se desmembraram dos municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim. Na configuração atual, entre os 52 municípios do estado, os dois permanecem os de maior tamanho. Contudo, Guajará-Mirim apresenta uma singularidade: 96,45% de seu território são áreas protegidas, distribuídas em parques estaduais e nacionais, reservas extrativistas e biológicas e terras indígenas.

### **Os circuitos pelo rio Mamoré**

Para muitos dos interlocutores em Guajará-Mirim, a cidade é tranquila. Mas, com algum tempo de conversa, aparecem elementos que permitem perceber um espaço atravessado por conflitos, tensões e oportunidades abertas nos mercados ilegais. No trabalho cotidiano da polícia, além dos furtos e roubos (“Roubo de celular é o que mais perturba”, disse um policial militar entrevistado), o desafio é o controle do tráfico pelo rio Mamoré. Ao longo do rio, observam-se diversos portos clandestinos onde são embarcados veículos roubados no Brasil (carros e motos) para serem transportados para a Bolívia e, na maioria das vezes, trocados por cocaína ou pasta base. Esses portos clandestinos não são outra coisa senão picadas ou caminhos que chegam até o rio (Imagem 1 e Imagem 2). As praias do rio também são usadas para chegar com os veículos às embarcações (Imagem 3).

Imagem 1: Porto no bairro Cristo Rey, em Guajará-Mirim



Fonte: Foto do autor.

Imagem 2: Porto fora da cidade, no Rio Mamoré



Fonte: Foto do autor.

Imagem 3: Praia do Acácio no bairro Tamandaré, Guajará-Mirim



Fonte: Foto do autor.

Nesses locais, o veículo é colocado em uma embarcação ou sobre duas canoas (Imagem 4) e transportado para a Bolívia. As embarcações geralmente usam motores de rabeta, extensão da hélice muito utilizada em rios pouco profundos (Imagem 5).

Imagem 4: Balsa para embarque de veículos. À esquerda, canoa utilizada no transporte de motos



Fonte: Foto do autor.

Imagem 5: Embarcações utilizadas no transporte de mercadorias, com motor de rabeta



Fonte: Foto do autor.

Poucos dias antes de eu chegar para o trabalho de campo em Guajará-Mirim, uma camionete da 1ª Unidade Especializada de Fronteira (Unesfron), unidade que articula membros da Polícia Militar e da Polícia Civil, interveio para evitar o transporte de uma moto que estava sendo embarcada rumo à Bolívia na Praia de Acácio (Imagem 3). Na perseguição, os policiais deixaram a camionete em que chegaram, sem identificações oficiais. Então, colegas dos ladrões da moto, aproveitando o fato de a camionete ter ficado sozinha, tentaram levá-la até o outro lado do rio.



Com a troca de tiros que se seguiu, eles abandonaram o veículo e fugiram pelo rio. Com a ajuda do Corpo de Bombeiros, os policiais conseguiram retirar do rio a embarcação, que havia começado a afundar.<sup>9</sup> Além da ousadia de tentar roubar um veículo usado por policiais, o evento revela duas questões: por um lado, a facilidade para embarcar veículos e atravessar o rio; por outro, a dificuldade para estabelecer um controle sistemático desse trânsito.

A existência da Ilha de Guajará-Mirim, ou Isla Suárez, para os bolivianos,<sup>10</sup> na frente da cidade de Guajará-Mirim, com seus 3,3 quilômetros de comprimento, assim como de outras ilhas e ilhotas ao longo do rio Mamoré (Imagem 6), impossibilita um escrutínio visual direto da costa boliviana, servindo também como ponto de apoio e esconderijo para os transportadores. Todos esses elementos tornam a passagem pelo rio uma oportunidade sempre possível e o seu monitoramento, uma ação sempre limitada. O controle desse circuito de trocas demanda um esforço cotidiano muito grande por parte das instituições.

Imagem 6: Imagem satelital das cidades de Guajará-Mirim (Brasil) e Guayaramerín (Bolívia)



Fonte: Dados cartográficos ©2019 Google Imagens ©2019, CNES / Airbus, Digital Globe, Landsat / Copernicus, U.S. Geological Survey.

De acordo com João Pomba,<sup>11</sup> policial civil que atuou por anos no controle de drogas na região, a cocaína e a pasta base adquiridas na Bolívia, anteriormente eram pagas em dinheiro vivo. Hoje, porém, a troca por veículos tem se consolidado. Segundo ele, um carro não chega a dar dois quilos de droga, e uma moto rende meio. O circuito de drogas e veículos opera em determinada escala, pois no grande atacado, são as trocas monetárias que prevalecem, embora

não necessariamente em dinheiro vivo. De acordo com ele, os grandes volumes – acima de 100 quilos – viajam de avião.

A falta de fiscalização regular na rodovia BR-425 é apontada como um dos elementos que facilitam o trânsito de carros roubados e drogas. Muitos operadores de segurança indicam a necessidade de implantar um controle da Polícia Rodoviária Federal na rodovia ou no entroncamento com a BR-364.

A facilidade para circular na Bolívia com veículos sem identificação é outro elemento facilitador apontado. É comum ver veículos – especialmente motos – circularem sem placa pelas ruas de Guayaramerín, município boliviano na margem oposta a Guajará-Mirim (Imagem 7). Há, ainda, um tipo de transporte público nos chamados “motorcar” (Imagem 8), a partir de motos transformadas em diversas oficinas da região.

Os circuitos de transporte de veículos precisam de uma base de apoio em Guajará-Mirim. Os arranjos podem ser estaduais (roubo de carros em Porto Velho), interestaduais (roubo de carro em outros estados) ou até mesmo ter conexões internacionais. Foi o caso por exemplo de um esquema desarticulado em julho de 2015 pela Operação Nova Dimensão da Polícia Federal: veículos eram roubados no Brasil e trocados por droga na Bolívia, que então era embarcada para o exterior (POLÍCIA FEDERAL, 2015). O esquema passava por Guajará-Mirim, Porto Velho, Pará, Maranhão e Ceará.

Imagem 7: Motos circulando sem placa em Guayaramerin, Bolívia



Fonte: Foto do autor.



Imagem 8: Moto preparada para o transporte de passageiros comumente usada no centro de Guayaramerín, Bolívia



Fonte: Foto do autor.

Segundo os interlocutores desta pesquisa, além da circulação de drogas para outros locais, também a compra e a circulação para consumo interno em Guajará-Mirim têm aumentado ao longo das últimas décadas, em virtude da prolifera o de “boqueiros”, como são conhecidos os donos dos pontos de comercializa o de drogas na cidade. As estruturas locais de venda, apesar de não necessariamente estarem articuladas com o tráfico de drogas para outras regiões, muitas vezes são tipificadas como tráfico internacional de drogas, por se abastecer na Bolívia (cocaína e crack). A maconha consumida localmente chega geralmente de Mato Grosso, originária do Paraguai.

Conversando sobre as articula es entre as escalas – varejistas e atacadistas –, o crescimento nos negócios e a distribui o em outros estados, o delegado da Polícia Civil assinalou que a questão crítica para compreender as mudanças na inser o no mercado de drogas   mais da ordem logística (mais ou menos complexa) que de prote o. Para ele, mudar de escala significava passar a coordenar pessoas e movimentos em uma logística mais complexa.

- Daqueles que começam na boca de fumo – na “biqueira”, como dizem em outros lados –, tem alguns que fazem bem as contas: quanto gasta, quanto ganha, e que não caem. Então começa a comprar um pouco mais. Dois quilos. Cinco quilos. Passa a vender a outros que têm boca. Arruma mais alguém para ficar do lado dele. Sai da boca e deixa ele encarregado. Passa a ser seu gerente, como dizem. Uns garotos começam a vender para ele, os “aviões”, como são conhecidos. Um dia não vende mais no varejo e começa a levar para outros lados. Tem que ter capital, mas vai se capitalizando nesse processo. Muitas vezes não têm capital suficiente, então se juntam cinco, seis e pagam alguém para trazer. Um consórcio. Desses, tem os dois ou três que têm mais juízo e aqueles que gastam tudo com a mulherada. (Delegado)
- Igual que no garimpo. (Entrevistador)
- Igual que no garimpo! Igualzinho! (Delegado)
- Mas a  precisa mais prote o. (Entrevistador)
- Não, prote o não. Diria que precisa de menos prote o que antes. O que precisa   de mais logística. Você precisa de muita gente para mover vários quilos de mercadoria – maconha então... L  em Foz do

Iguaçu [cidade onde trabalhou] tinha o pessoal que fazia descarga, trabalhava, ganhava um bom dinheiro e ficava esbanjando na cidade. Aí terminávamos sabendo onde foi e cai a carga. Eles começaram a trazer pessoal de Assunção, de Curitiba, de São Paulo. Aqui acontece o mesmo: o pessoal vem de Santa Cruz, Ribalta, ou de Paraná e Mato Grosso, trabalha uns meses e vai embora. (Delegado)<sup>12</sup>

### Os circuitos olhados dos escritórios

Até aqui, apresentei a visão do tráfico a partir do rio Mamoré e do trabalho cotidiano das instituições locais de segurança. Mas a visão do mesmo fenômeno quando observado a partir dos escritórios e dos locais de quem trabalha no atacado é outra: um negócio de grande lucratividade que produz um capital importante para a dinâmica local. Categoria mobilizada pelo delegado na entrevista citada, os envolvidos são pessoas dedicadas à logística e aos investimentos. Usando as palavras de um comerciante local entrevistado, “o traficante é o melhor cara para negociar; ele te dá crédito”. De acordo com ele,

– Aqui o tráfico tem mais de 40 anos! Não estamos falando de traficantezinhos. Você e eu, que vamos comprar um pouco. São organizações que têm Polícia Federal, que têm Polícia Civil, que têm juiz, que têm promotor, que têm político, que têm a puta que pariu. Então, você não desarma isso. Você tem que saber conviver com isso. Quem vende cocaína em Guajará-Mirim é quem compra do boliviano. São 100 quilos, 200, 500, 1000... Para fora. Nós não vendemos: “Me traz 10 gramas”. “Você quer cheirar? Cheira, mas não peça mais para mim”. O negócio deles é outra coisa. E não cheiram. Não cheiram nem fumam. Tomam sua cerveja.<sup>13</sup>

Dessa perspectiva, o efeito que o tráfico de drogas tem na dinâmica local não pode ser reduzido simplesmente às perseguições ou aos tiroteios. Na descrição de outro entrevistado, empresário local,

– (...) há um mercado que a cocaína também produz. Você vê que o cara não trabalha, está com a sua bicicleta. Um dia passa com um pacote levando dinheiro. Outro dia leva uma mensagem. E ganha mil reais, e o cara vive. Para nós, aqui em Guajará, não perturba. Perturba mais o índio que o traficante. O índio é muito mais nocivo para nós que o traficante, porque o índio... Não souberam enquadrá-lo. O traficante sabe o lugar que tem; o policial sabe o lugar que tem... O índio, não sabemos o lugar que ele tem. Isso aqui não é Juarez [*Cidade Juarez, no México, considerada uma das cidades mais violentas do mundo*]. O traficante não quer problemas; isso que a gente não entende.<sup>14</sup>

O “mercado que a cocaína também produz” envolve múltiplas participações, além da dos diretamente envolvidos na compra, no transporte e na venda do produto. É algo reforçado, segundo alguns interlocutores, pelo papel que o dinheiro do tráfico tem como fonte de crédito para atividades produtivas e comerciais. Fora da lei, dentro da lei, entre a lei – todos parecem ter seu

lugar, menos os índios. A referência a eles também aparece na fala de vários interlocutores desta pesquisa, que citam o usufruto indígena de riquezas em algumas das reservas do município que, por conta das regras especiais de controle do território, são em teoria inacessíveis aos brancos.

Um dos meus interlocutores, para dar conta do caráter “não cinematográfico” do tráfico, como expressou em determinado momento, o comparou com as formas de apropriação da terra. Em suas palavras, “o negócio da terra é mais violento que o negócio da droga”. De fato, as disputas por terra, grilagem, apropriação de terras públicas e disputas com movimentos camponeses têm sido um dos fatores que mais violência têm gerado na ocupação de Rondônia. Histórias são contadas envolvendo políticos estaduais conhecidos, apontados como responsáveis por várias mortes.

O interessante é que, pelo processo diferencial de ocupação do estado e o espaço marginal que o município de Guajará-Mirim teve no processo de colonização depois da década de 1970, as trajetórias bem-sucedidas no município não estão associadas necessariamente à apropriação de terras. São os municípios que seguem a BR-364 os que apresentam um histórico mais violento vinculados a essas disputas. Se, por um lado, a grande proporção de áreas protegidas restringe o problema dos conflitos por terras, por outro, cria um leque de oportunidades para a emergência de mercados ilegais: a exploração de recursos naturais, como tantalita,<sup>15</sup> ouro, madeira e diamantes – como revelado em maio de 2016 na Operação Olhos de Diamantes da Polícia Federal (POLÍCIA FEDERAL, 2016).

### **Histórias longas**

Chegando a Guayaramerín, na Bolívia, somos recebidos pelo cartaz da associação de transporte fluvial Nicolás Suárez e, entrando na cidade, nos deparamos com um busto de um senhor com um frondoso bigode, Nicolás Suárez Callaú. A placa do Lions International Club nos aclara: “En justo homenaje al Rey del Caucho y heroe de dos guerras”.<sup>16</sup> O “Rey del Caucho” ou “Rey de la Goma”, como também é conhecido na Bolívia, foi um dos principais barões da borracha da região amazônica boliviana, no auge do período dourado de extração.<sup>17</sup> Ele e seus irmãos chegaram à região atraídos pela exploração da casca da cinchona ou quina, arbusto do qual se extrai a quinina. Com a importância crescente da borracha, Nicolás Suárez passou a se concentrar na sua extração e comercialização. Em 1881, instalou um barracão em Cachuela Esperanza, nas margens do rio Beni, que se desenvolveu como ponto de apoio da maior estrutura de extração e comercialização de borracha do norte da Bolívia. Como tantos outros enclaves exóticos de modernidade que florescem no coração da floresta, a cidade tinha sua própria ferrovia, teatro, hospital, igreja, hotel, moradias padronizadas para trabalhadores e diversas oficinas, além das casas dos irmãos Suárez.

A força da Casa Suárez está atrelada à exploração de um recurso local, a borracha, ao controle das vias de escoamento e à capacidade de se inserir no mercado internacional, tanto na venda como na obtenção de financiamento que possibilita e expande sua extração. Os irmãos de Nicolás Suárez são fundamentais nessa projeção. Um deles, cônsul da Bolívia em Londres, seria, depois, responsável por algumas das casas comerciais que obterão recursos no principal mercado financeiro do final do século XIX. Outro irmão se instala primeiro em Santo Antônio – antes das corredeiras do rio Madeira – e depois em Manaus e Belém, onde passa a controlar os carregamentos e a comercialização de borracha. Outro dos irmãos Suárez, ainda, seria o supervisor, nas corredeiras e saltos no rio Madeira (Ribeirão, Girão e Teotônio), da saída da borracha e da chegada das mercadorias em Cachuela Esperanza.

O crescimento da Casa Suárez se dá em concorrência com outros barões, como Carlos Fermin Fitzcarrald, no Peru, e Antonio Vaca Diez, na Bolívia, que disputam o controle da produção de borracha e – um dos principais focos de fricção – dos rios, chave de escoamento da produção.

Depois da queda da Casa Suárez como empório da borracha, os negócios familiares se concentraram na produção de gado, no comércio e nas finanças. Roberto Suárez Gómez, um dos sobrinhos-bisnetos de Nicolás Suárez Callaú, nasceu no universo das fazendas familiares, na localidade de Santa Ana del Yacumá em 1932, mas, depois de se consolidar como importante produtor de gado, exportando gado vivo e abatido para o Brasil, se transforma em outro “rei” famoso na Bolívia, não mais da *goma*, mas da cocaína. Desde a década de 1970, “El Rey de la Cocaína” organizou a exportação da droga da Bolívia para a Colômbia, tornando-se o maior provedor do Cartel de Medellín. Em 1980, ajudou a financiar o golpe militar de Luis García Meza na Bolívia, que dá cobertura à expansão da produção e exportação de cocaína.<sup>18</sup>

A conexão genealógica entre o Rey de la Goma e o Rey de la Cocaína ajuda a sublinhar uma questão que percebi em Rondônia e no Beni<sup>19</sup>: para compreender os mercados ilegais de hoje e apreender as formas de sua regulação e funcionamento, temos que ampliar o campo de nossas referências, ou seja, temos que prestar atenção às histórias de longa duração nas quais a coca e seus derivados são parte da história dos recursos locais. São recursos cuja exploração se organiza a partir de processos de apropriação e capitalização – interna e externa – que reconfiguram as relações locais (populações indígenas e ribeirinhas, migrantes internos e externos), articulando escalas diversas: de governos e centros financeiros internacionais a aldeias e estradas locais.

Às histórias dos recursos naturais específicos da região, como a cinchona (Rubiaceae), a seringa (Hevea) e a coca (Erythroxylaceae), se somam às do ouro, da cassiterita, das esmeraldas e da tantalita – nomeando somente alguns dos mais significativos. A exploração de cada um desses recursos cria corridas que alteram de forma radical as paisagens sociais e ambientais da região e

de todos os espaços onde a circulação da riqueza produzida a partir deles se assenta, seja em Cachuela Esperanza, Manaus, Belém ou Londres, no caso da borracha, ou em Riberalta, Guajará-Mirim, Porto Velho, São Paulo, Fortaleza e Frankfurt, no caso da cocaína.

As diferentes formas de gestão dos ilegalismos são o dispositivo fundamental na estruturação desses mercados, organizando o cotidiano de espaços como Guajará-Mirim, tal como vimos na segunda parte do artigo, mas também operando sobre a sedimentação de estruturas de produção e circulação anteriores, fundamentais para a compreensão das dinâmicas contemporâneas dos mercados, sejam legais ou ilegais. Aqui, se tornam relevantes as histórias da terra – da apropriação e das lutas e disputas por ela, da sua utilização como investimento em atividades agropecuárias ou como garantia para a circulação; além dos rios, das rodovias e dos espaços de pouso. Também se tornam relevantes os mecanismos de conversão política do capital econômico e social acumulado na exploração desses recursos, seja na figura de um cônsul no exterior ou nas de vereadores, prefeitos, deputados e governadores. Os mecanismos de conversão social por meio da política estão associados aos mais tradicionais, de conversão econômica, que envolvem instrumentos financeiros de circulação de capital e de investimentos.

Contudo, ampliar as referências não é simplesmente um exercício para conceber de forma renovada a operação dos mercados ilegais, mas um caminho para encontrar as conexões que nos fornecem elementos para compreender sua estruturação. Por exemplo, a consolidação de Roberto Suárez na Bolívia é fundamental para se entender o surgimento do tráfico na fronteira, que, em certa medida, também depende dele para poder se consolidar. De acordo com o trabalho pioneiro de Christian Geffray sobre o tráfico de drogas em Rondônia,

the first Brazilians to get significantly involved in international trafficking did so at the end of the 1970s, after the Bolivian trafficker Roberto Suarez had set up his laboratories in Beni, the Amazonian Bolivian State that borders on Rondônia, under General Hugo Banzer's administration. The Bolivians then naturally turned to their Brazilian neighbours for supplies of the chemical products that their laboratories needed to make cocaine (ether, acetone, kerosene, etc.). All the leading "historic" Brazilian traffickers in the region began their activities at that time by fraudulently exporting those chemicals to Bolivia, which were paid for in cocaine that the Brazilians then re-exported for their own benefit (GEFFRAY, 2002, p. 33).<sup>20</sup>

As conexões não se restringem ao mundo dos derivados da coca e da sua produção, mas se articulam com outras corridas, como a do ouro, que transformam concomitantemente a região. Também de acordo com Geffray (2002), é com a corrida do ouro no rio Madeira, na década de 1980, que o uso massivo de cocaína e pasta base começa no estado, entre os mais de dez mil garimpeiros acampados na beira do rio Madeira e os cinco a seis mil acampados na beira do rio Mamoré.

Os pequenos provedores do lado boliviano e os próprios garimpeiros que começam a comprar cocaína do outro lado do rio estabelecem circuitos e relações que se consolidam com o



passo do tempo. Quando, em 1991, as balsas de extração são proibidas, muitos desses garimpeiros se estabelecem em Porto Velho e em outras cidades, criando as primeiras redes de suprimento das populações urbanas da região. Guajará-Mirim é a conexão na fronteira onde se abastecer.

Vale a pena assinalar que essas histórias de longa duração não são nenhuma descoberta. De fato, o vínculo entre Nicolás Suárez Callaú e Roberto Suárez não é novidade para os bolivianos, assim como outros autores têm chamado atenção para as conexões e continuidades entre mercadorias como a borracha e a cocaína (GOOTENBERG, 2008, 2009). Interessa-me destacá-las como uma perspectiva metodológica a ser explorada na compreensão dos mercados, legais ou ilegais.

## Conclusões

Tal como apontado em seu início, este artigo tem um caráter preliminar, constituindo um primeiro esforço de sistematização de material de pesquisa e de análise sobre os circuitos da droga em Guajará-Mirim. Além de apresentar elementos para uma descrição dos circuitos que operam nessa região da fronteira entre a Bolívia e o Brasil, o interesse foi apresentar diversas perspectivas no intuito de conhecer a forma e o funcionamento desses mercados. As histórias da ocupação de Rondônia e o lugar singular que teve Guajará-Mirim nesse processo, assim como as histórias de longa duração que estruturaram a região, são aspectos fundamentais para compreender a atualização dos circuitos que operam cotidianamente através do rio Mamoré.

Muitas vezes estamos tentados a analisar as histórias de fronteiras específicas a partir das determinações nacionais e estaduais (expansão, migrações, consolidação do estado, ciclos econômicos locais), isto é, tendemos a compreendê-las exclusivamente baseados em um dos lados dos limites internacionais. Contudo, quando ingressamos nas trajetórias de vida naqueles espaços, nos encontramos com histórias articuladas que conectam um lado e outro do limite e que geralmente estão em relação com espaços e grupos que se encontram bem distantes desses locais. Observadas desde os mercados apresentados, em lugar de um lado do limite ou nas travessias através deles, as fronteiras se fazem nas circulações.

---

## Notas

<sup>1</sup> Partes deste trabalho foram apresentadas no informe final do projeto “Dinâmicas Transfronteiriças: Mercados ilegais e mercadorias políticas na fronteira brasileira”, coordenado por Michel Misse (CNPq, 2016), no I e II “Seminário franco-brasileiro: Passagens de fronteira e cidades seguras”, no Rio de Janeiro em 2017 e em Oiapoque em 2018, respectivamente, e no simpósio “Contrôle des frontières et policing des populations en Guyane: Perspectives franco-brésiliennes”, em Cayene em 2018. Agradeço aos participantes desses eventos pelas perguntas e comentários, aos pareceristas anônimos da revista

Dilemas, cujas sugestões e correções foram fundamentais, e a Nico Tassi pelo esclarecimento de um termo utilizado na Bolívia. Os seminários citados foram realizados no marco do convênio Capes/Cofecub (Edital 019/2014, Projeto 837/15) “Passagens de Fronteiras e Cidades Seguras: Questões históricas e contemporâneas”, coordenado por Joana Domingues Vargas (PPGSA/UFRJ) e René Lévy (Cesdip/CNRS), aos quais agradeço a oportunidade de participar do projeto e pelas discussões. Por último, agradeço à Capes o apoio recebido (Proex 497/2018).

<sup>2</sup> Gasolina e confecções da Bolívia eram os dois itens mais contrabandeados para o Brasil no final de 2015, enquanto materiais de construção e gêneros alimentícios eram contrabandeados para a Bolívia. O movimento legal de mercadorias para a Bolívia se dá a partir de exportadoras beneficiadas com o regime de zona franca que, de acordo com o então inspetor-chefe da Receita Federal, movimentavam 5 milhões de dólares mensalmente em promédio (entrevista realizada em 21 de novembro de 2015). Um detalhe fundamental para entender o lugar que Guajará-Mirim ocupa nos circuitos de mercadorias da região é o fato de a cidade ter o único ponto alfandegado da fronteira de Rondônia. O Ponto Alfandegado no Porto de Guajará-Mirim esteve fechado de 2014 até maio de 2017, depois de ter sido alagado nas cheias históricas do rio Madeira em 2014.

<sup>3</sup> No final de 2015, realizei trabalho de campo por um período de três semanas na fronteira com a Bolívia, especificamente na cidade de Guajará-Mirim, no marco desta pesquisa. Durante esse período, realizei 15 entrevistas com operadores de segurança, controle e fiscalização, assim como com diversos atores locais. Também percorri o rio e as estradas paralelas a ele com uma equipe encarregada da fiscalização de fronteiras. Participei, ainda, de diversos eventos na universidade, onde tive a oportunidade de conhecer interlocutores bolivianos com os quais conheci e recorri a cidade de Guayamerin, na Bolívia.

<sup>4</sup> Criado em 1999 pelo professor Michel Misse, o Necvu é um núcleo de pesquisa da UFRJ dedicado a temas contemporâneos sobre a realidade urbana a partir da perspectiva das ciências sociais, tais como políticas públicas de segurança, criminalidade e violência urbana, juventude e sociabilidade violenta, teorias sociais e modernidade, cultura política e instituições e etnografia e cultura urbana.

<sup>5</sup> A população estimada em 2018 era de 45.753 (IBGE, 2018, p. 105).

<sup>6</sup> Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo Demográfico de 2010 foi o 12º do país em nível nacional.

<sup>7</sup> A população indígena do município passou de 1.039 em 1991 para 2.522 em 2000, alcançando 3.998 em 2010. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai), “o principal grupo indígena da região da Coordenação Regional de Guajará-Mirim, RO, é denominado de ‘Pacaás Novos’, devido ao rio Pacaás Novos que corta a região. No entanto, os indígenas dessa etnia se autodenominam povo ‘Oro Wari’ e são a grande maioria. As demais etnias presentes são os Macurap, Jaboti, Canoe, Wajurú, Tupari, Arowá, Cabixi, Uru Eu Wau Wau, Massacá, Aricapú” (FUNAI, 2016). Sobre os Wari e a sua relação com o mundo dos brancos, ver Vilaça (2006).

<sup>8</sup> O traçado da rodovia segue a linha telegráfica da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como Comissão Rondon, que estendeu uma linha telegráfica entre Cuiabá e Porto Velho entre 1907 e 1909 (DOMINGUES, 2010).

<sup>9</sup> Reconstrução de policiais que participaram na ação, em entrevista realizada em 19 de novembro de 2015. Ver também *O Mamoré* (2015).

<sup>10</sup> A soberania da ilha ainda está em litígio entre o Brasil e a Bolívia, sendo a administração exercida pela Bolívia.

<sup>11</sup> João Raimundo Lins Dutra, conhecido como João Pomba, foi o chefe da equipe do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) em Guajará-Mirim desde a década de 1980, atuando por 20 anos. Espécie de lenda local, ficou nacionalmente conhecido na década de 1990 ao desarmar uma quadrilha comandada por um alemão que levava cocaína para Europa via São Paulo. De acordo com a sua própria contabilidade, que manteve de forma regular por oito anos, a sua equipe tinha uma média de cem flagrantes por ano, e entre 400 e 500 quilos de cocaína e pasta base de apreensões anuais. Entrevista realizada em 19 de novembro de 2015.

<sup>12</sup> Entrevista realizada em 18 de novembro de 2015.

<sup>13</sup> Entrevista realizada em 4 de dezembro de 2015.

<sup>14</sup> Entrevista realizada em 5 de dezembro 2015.

<sup>15</sup> Mineral usado na produção de ligas metálicas de alta resistência ao calor.

<sup>16</sup> Em português, “Em justa homenagem ao Rei da Borracha e herói de duas guerras.” A referência às duas guerras remete à participação de Nicolás Suarez nos esforços bolivianos de guerra contra o Brasil (na Guerra do Acre) e contra o Chile (na Guerra do Pacífico). A participação de Nicolás Suarez na Guerra do Acre é considerada a única vitória boliviana na contenda, quando a Coluna Porvenir, por ele formada, recuperou o povoado de Bahia (atual cidade de Cobija).

<sup>17</sup> A descrição a seguir foi realizada a partir da leitura de Fifer (1970), López Beltrán (2001) e Gamarra Téllez (2007) sobre a história da Casa Suárez e do boom da borracha no país.

<sup>18</sup> *El Rey de la Cocaína: Mi vida con Roberto Suárez Gómez y el nacimiento del primer narcoestado* é o título do livro de Ayda Levy, ex-mulher de Roberto Suárez, publicado em 2012.

<sup>19</sup> O Beni é um dos nove *departamentos* em que se divide o Estado Plurinacional de Bolívia, tendo por capital a cidade de Trinidad. Está subdividido em oito *provincias*. Guayaramerín é um dos municípios da *provincia* de Vaca Diez, cuja capital é Riberalta.

<sup>20</sup> Em português (tradução própria): “Os primeiros brasileiros a se envolverem significativamente no tráfico internacional o fizeram no final da década de 1970, depois que o traficante boliviano Roberto Suarez instalou seus laboratórios no Beni, o estado boliviano da Amazônia que faz fronteira com Rondônia, sob o governo do general Hugo Banzer. Os bolivianos, então, se voltaram naturalmente para seus vizinhos brasileiros para o suprimento dos produtos químicos que seus laboratórios precisavam para produzir cocaína (éter, acetona, querosene, etc.). Todos os traficantes brasileiros “históricos” da região começaram suas atividades na época, exportando de forma fraudulenta esses produtos químicos para a Bolívia, que eram pagos em cocaína que os brasileiros então reexportavam para benefício próprio”.

## Referências

- BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. **Um abraço para todos os amigos**: Algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 1998.
- BATISTA, Liniker Giamarim. **A grande cidade e a vida no crime**: Uma etnografia dos mercados do crime em uma periferia de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- BRASIL. **Lei n. 8.210, de 19 de julho de 1991**. Cria a Área de livre Comércio de Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia, e dá outras providências. Brasília, DF, 1991. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1989\\_1994/L8210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1989_1994/L8210.htm)
- CUNHA, Eliaquim Timotéo da; MOSER, Lilian Maria. Os projetos de colonização em Rondônia. **Revista Labirinto**, vol. 14, p. 124-151, 2010.
- DOMINGUES, Cesar Machado. **A comissão de linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a integração do Noroeste**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Regional da Associação Nacional de História, Anpuh-Rio, Rio de Janeiro (RJ), 2010.
- FIFER, Valerie. The Empire Builders: A History of the Bolivian Rubber Boom and the Rise of the House of Suárez. **Journal of Latin American Studies**, vol. 2, n. 2, p 113-146, 1970.
- FIORI, Marcus Fernando. BR-364: Do desenvolvimento ao desmatamento. **Revista Veredas Amazônicas**, vol. 2, n. 1, p. 67-82, 2012.
- FUNAI. **Apresentação coordenação regional de Guajará-Mirim**. Fundação Nacional do Índio (Funai), 2016. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/apresentacao-guajara-mirim>
- GAMARRA TÉLLEZ, María del Pilar. **Amazonía norte de Bolivia**. Economía gomera (1870-1940): Bases económicas de un poder regional. La Paz, Colegio Nacional de Historiadores de Bolivia, 2007.
- GEFFRAY, Christian. Social, Economic and Political Impacts of Drug Trafficking in the State of Rondônia. In: GEFFRAY, Christian; FABRE, Guilhem; SCHIRAY, Michel (orgs.). **Globalization, Drugs and Criminalization, Vol. 1**. Paris: UNODCCP, 2002, p. 33-47.
- GOOTENBERG, Paul. Andean Cocaine: The Making of a Global Drug Cocaine in Chains: The Rise and Demise of a Global Commodity, 1860-1950. In: TOPIK, Steven; MARICHAL, Carlos; FRANK, Zephyr. **From Silver to Cocaine: Latin American Commodity Chains and the Building of the World Economy, 1500-2000**. Durham e Londres: Duke University Press, 2008, p. 321-351.
- GOOTENBERG, Paul. **Andean Cocaine: The Making of a Global Drug**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.
- GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da vida no crime**: Tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis**: Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma**: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HARRISON, Alexandre Thomaz. **As rugas da cidade**: Um estudo sobre o fenômeno de envelhecimento espacial em Guajará-Mirim/RO – Século XX. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.
- HIRATA, Daniel Veloso. O ponto e a biqueira: Notas para a construção de um conceito. In: BARREIRA, César; AQUINO, Jânia Perla de; SÁ, Leonardo Damasceno de (orgs.). **Violência, ilegalismos e lugares morais**. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade**: Mercado e formas de vida. São Carlos: Edufscar, 2018.
- HIRATA, Daniel Veloso; GRILLO, Carolina Christoph. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: Perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Tempo Social**, vol. 29, n. 2, p.75-98, 2017.
- IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2011.
- IBGE. **Estimativas da população residente com data de referência, 1º de julho de 2018**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e>
- LEVY, Ayda. **El rey de la cocaína**: Mi vida con Roberto Suárez Gómez y el nacimiento del primer narcoestado. Buenos Aires: Debate, 2012.
- LÓPEZ BELTRÁN, Clara. La exploración y ocupación del Acre (1850-1900). **Revista de Indias**, vol. 61, n. 223, 2001, p. 573-590.
- MALVASI, Paulo Arthur. **Interfaces da vida loka**: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese (Doutorado em Saúde Pública com concentração em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MARTINE, George. Rondônia and the Fate of Small Producers. In: GOODMAN, David; HALL, Anthony (orgs.). **The Future of Amazonia**: Destruction or Sustainable Development? Hampshire e Londres: Palgrave Macmillan, 1990, p. 23-48.
- MISSE, Michel. O movimento: A constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência. In: BAPTISTA, Marcos; SANTOS CRUZ, Marcelo; MATIAS, Regina (orgs.). **Drogas e pós-modernidade, Vol. 2**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- NEVES, Alex Jorge das; BAPTISTA, Gustavo Camilo; ENGEL, Cíntia Liara; MISSE, Michel. **Segurança pública nas fronteiras**: Sumário executivo. Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (Enafron). Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/34491682/SEGURAN%C3%87A\\_P%C3%9ABLICA\\_NAS\\_FRONTIERAS](https://www.academia.edu/34491682/SEGURAN%C3%87A_P%C3%9ABLICA_NAS_FRONTIERAS)
- O MAMORÉ. Na praia do Acácio bandidos tentam furtar veículo usado pela Polícia. **O Mamoré**, Guajará-Mirim, 2015.



- OLIVEIRA, Giovanni França. **Nas bocas da cidade de Corumbá-MS: O comércio de drogas na fronteira Brasil/Bolívia.** Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2013.
- OLIVEIRA, Giovanni França; COSTA, Gustavo. Redes ilegais e trabalho ilícito: Comércio de drogas na região de fronteira de Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 38, p. 137-156, 2011.
- POLÍCIA FEDERAL. PF combate o tráfico internacional de drogas em Rondônia. **Agência PF**, 2015. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias/2015/07/pf-combate-o-trafico-internacional-de-drogas-em-rondonia>
- POLÍCIA FEDERAL. Operação Olhos de Diamante combate garimpo em terras indígenas em RO. **Agência PF**, 2016. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias/2016/05/operacao-olhos-de-diamante-combate-garimpo-em-terras-indigenas-em-ro>
- VILAÇA, Aparecida. **Quem somos nós: Os Wari' encontram os brancos.** Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

**FERNANDO RABOSI** (rabossi@rocketmail.com) é professor do Departamento de Antropologia Cultural (DAC) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). É um dos coordenadores do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC) da UFRJ. Possui doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFRJ, mestrado em migrações internacionais e relações étnicas pela Universidade de Estocolmo (Suécia) e graduação em ciências antropológicas pela Universidade de Buenos Aires (UBA, Argentina).

Recebido em: 13/03/2019  
Aprovado em: 01/04/2019